

Nota sobre Silviano Santiago

Flora Süssekind*

Silviano Santiago evocaria mais de uma vez Julio Cortazar e uma compreensão da ficção como “modelo para armar” ao projetar o modo lúdico-construtivo de recepção que um trabalho como o seu exigiria necessariamente do leitor.

Quando se pensa na abrangência, no campo expansivo de uma atuação marcada pela transição constante entre gêneros e territórios disciplinares diversos (do ensaio ao conto e à crônica, do romance ao poema, da tradução, da curadoria, à edição da revista *Margens/Margenes*, ou à experiência universitária), vemos que não poderia ser mesmo outra a maneira de visualizá-la. Essa idéia de jogo de armar da qual o autor oferece uma espécie particular de modelo – sem, no entanto, limites genérico-disciplinares propriamente definidos – não parece se referir, porém, apenas à visão de conjunto de uma obra prolífica e multifacetada. Mas se acha igualmente entranhada a procedimentos narrativos, a constantes reduplicações estruturais, a interlocuções interculturais, e às muitas referências e contrastes que se sobrepõem em seus escritos.

Lembrem-se, nesse sentido, os diálogos que ensaios como “Eça, autor de *Madame Bovary*”, por exemplo, não podem deixar de manter com exercícios ficcionais como os de *O Olhar* e *Em Liberdade*; ou como se presente a presença indireta de “O narrador pós-moderno” em *Viagem ao México*; ou de “O entre-lugar do discurso latino-americano” no estudo sobre Octavio Paz e Sérgio Buarque de Holanda. Pois esse “modelo para armar” que, sob constante revisão, parece enformar o pensamento de Silviano Santiago ganharia, na verdade, figurações bem diversas – se bem que internamente articuladas - ao longo de sua obra.

As refigurações mais evidentes talvez se achem ligadas à constituição de um campo conceitual próprio, rigoroso, mas sujeito sempre a pequenos desvios e flutuações. É o caso de noções como a de “**ler através**” – processo exigido em seus escritos (e na produção contemporânea de modo geral), pois, neles, a escritura se realizaria de fato “sobre outras escrituras” que, todavia, nela se deixam obrigatoriamente entrever; como a de “**dobradiça**” (vide o romance *Stela Manhattan*) – que permite a articulação de diferentes formas de figuração, materiais narrativos ou campos discursivos; como a de “**entre**”, constitutiva do seu modo de perspectivação, de um **entre-lugar**, conceito avesso à fixidez, que necessita de constante realocação, pois, enquanto lugar de observação e análise, propositadamente nem lá nem cá, se instaura onde o resultado possa ser o de potencial intensificação crítica.

Noções-chave, essas três, que não são as únicas em seu método reflexivo-ficcional e que atuam não apenas no exercício ensaístico de Silviano Santiago, mas igualmente no seu trabalho como poeta e ficcionista. E se acham presentes no jogo entre estratos temporais que marcaria *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, *Em Liberdade*, *Viagem ao México*, na tensão entre o uso de figuras pop e o de outras, absolutamente anônimas, como entre o Artaud-personagem, o Graciliano-personagem e a vidinha miúda de *Uma história de família*, por exemplo. Ou como no bonito espelhamento de um romance em outro, de que é manifestação recente a geminação perversa entre *O falso mentiroso* e *Heranças*, versão em duplicata de um exercício metódico da literatura como paradoxo e de um memorialismo invernial ora em dicção farsesco-escatológica, ora em tom mais elevado (mas igualmente cético), cujo eco mútuo se tornaria, no entanto, indescartável da leitura de qualquer um deles, como se o desdobramento impusesse exemplarmente o “ler através” exigido pelo trabalho de Silviano Santiago.

Professora e pesquisadora